

## ***Era uma vez uma escola...***

Era uma vez uma escola. Era uma escola pública de péssima qualidade. Localizada numa região habitada por proletários de baixa renda, gente humilde e de pouca cultura, não tinha do governo qualquer tipo de atenção especial. Era um depósito de alunos.

Mas todos estavam felizes...

Os professores fingiam que ensinavam; os alunos fingiam que aprendiam; a direção fingia que dirigia alguma coisa; os pais não estavam nem aí, desde que o colégio-depósito cuidasse, durante uma parte do dia, dos seus "amados filhinhos".

Os professores não tinham horário para chegar ao colégio, pois ninguém cobrava pontualidade. Os alunos gostavam: podiam ficar de bate-papo ao invés de terem que estudar qualquer coisa sem sentido pra eles. Os professores faltavam muito. Eram revoltados pelos baixos salários, mas nunca fizeram qualquer movimento reivindicando melhorias salariais ou melhores condições de trabalho. Não tinham interesse, pois já ganhavam muito pelo que não faziam e, além do mais, não desfrutavam de qualquer autoridade moral para exigir nada, muito menos aumento salarial, que era só o que lhes interessava.

Os alunos eram desinteressados por tudo. Também, com uma escola dessas!... Os banheiros eram sujos, as janelas e portas estavam sempre quebradas. A escola nunca foi pintada ou reformada. As carteiras, o quadro-negro, os ventiladores,

enfim, tudo era velho e quebrado. A escola tinha um aspecto de abandono sombrio e deprimente. Mas os alunos também não tinham mesmo interesse em aprender nada. Houve professores que tentaram despertar neles o interesse por temas próprios da juventude, como rock, música popular, artes em geral, sexualidade, drogas e muito mais. Fracassaram redondamente, pois os alunos tinham algo que hoje em dia é muito comum entre os jovens: a preguiça. Falar em leitura com eles, então, nem pensar! Uma juventude sem sonhos, sem projetos, incapaz de pensar no seu próprio futuro... Uma juventude sem juventude. Uma juventude envelhecida e extremamente individualista, insensível. Uma juventude sem futuro... *"E todos acreditam no futuro da nação"*.

Os pais adoravam os seus filhos, sobretudo quando eles estavam na escola fazendo qualquer coisa, de preferência comendo merenda, aliviando as despesas de casa. Eram muito aguerridos, principalmente quando qualquer professor lhes pedia para comprar, por exemplo, um pequeno dicionário para o seu filho. Aí, caramba!!!, era o início do processo revolucionário. "Educação é dever do Estado!", eis aí a palavra de ordem. Ademais, um dicionário pode representar umas cinco cervejas a menos, ou qualquer outra coisa de maior importância. Além do mais, já pagam impostos, não é mesmo? Os filhos apoiavam a luta dos seus pais, luta heróica pelo ensino público-gratuito-com-merenda. Todos os professores que tentaram mudar esse quadro foram repudiados, rejeitados, alijados, discriminados e finalmente excluídos do corpo docente. Seus "colegas", os alunos, os pais, todos falavam mal deles. Mas, se pensarmos bem, faz algum sentido: numa comunidade onde todos estão felizes, porque aceitar mudanças propostas por professores alienígenas que só pensam em trazer desarmonia, trabalho, despesas, conflitos

com o governo e muito mais? Os incomodados que se mudem, não é mesmo?

O tempo passou, passou, passou... E como dizia o último professor de História que passou batido por aquele colégio: tudo muda. Foi quase linchado só porque questionou a seriedade do sistema de aprovação automática dos alunos. Coitado: desistiu da profissão. E dizem as más línguas que só fica de bem com a vida quando está do lado da sua companheira inseparável, a única que lhe compreende: a cachaça.

Sim, tudo muda... Às vezes de seis para meia dúzia, mas meia dúzia, se pararmos para refletir um pouco, não é a mesma coisa que seis. Muitas mudanças só são perceptíveis pelos historiadores, daqueles historiadores comprometidos com a mudança, diga-se de passagem. Tem muito historiador-mercenário por aí.

Continuando...

Uma nova geração de professores foi se chegando, como quem não quer nada, na manha do gato, no sapatinho, sentindo o clima e o tamanho daquela patifaria. Uns foram se aproximando de outros, também progressistas, idealistas, combativos, também dispostos a dar um basta naquela farsa.

Fracassaram? Sim, mas conseguiram salvar algumas almas. E essas almas deram frutos.

Lutar contra um estado de coisas que foi pensado, projetado, calculado há muito para funcionar do jeito que funciona é lutar contra poderes constituídos e fortemente estabelecidos para a defesa dos interesses dos que estão no

poder. Isto é óbvio, não é? E lutar contra tais poderes sem contar com o apoio daqueles que sofrem as conseqüências do sistema é burrice. A derrota é certa. Mas lutar contra o sistema tendo aqueles que sofrem com o sistema do lado do próprio sistema, aí é loucura! Você já se imaginou escravo tendo que convencer os seus companheiros – também escravos – do óbvio, quer dizer, de que a escravidão é uma injustiça, que todos os homens nascem livres e iguais em direitos e obrigações? Ter que tirar da cabeça do individuo a lavagem cerebral que fizeram nele ao ponto de ele aceitar como justa a posição que ocupa na sociedade, pois que sempre foi assim e assim sempre será? Pois é.... É soda!!!

Felizmente, temos muitos loucos espalhados por aí. Ou melhor dizendo, temos muitos professores com *consciência histórica*.

Essa nova geração de professores que foi se conhecendo e conhecendo aquele macabro colégio era paciente e perseverante. Sabiam dos riscos e dos desconfortos que enfrentariam quando resolvessem querer mudar as coisas, mas eram corajosos e abnegados. Nunca chegaram a ser mais de cinco por cento do total do corpo docente, mas a qualidade que tinham superava suas deficiências quantitativas.

Pouco a pouco, o corpo docente passou a ser visto pela comunidade escolar (pais, alunos, funcionários, direção, etc.) como um corpo dividido em dois grupos: o grupo dos professores *gente boa* e o grupo dos professores *metido à besta*. Não é preciso dizer que os professores comprometidos com a educação, que nunca passaram de cinco por cento do total do corpo docente, eram do grupo dos professores *metido à besta*.

Os professores *gente boa* sempre foram amados e admirados pelos alunos. Nunca reprovavam ninguém, e era quase raro passarem dever de casa. As provas eram de múltipla escolha com no máximo três alternativas. A recuperação, que raramente acontecia, se resumia num trabalho de pesquisa qualquer sobre um tema qualquer. Uma vez feito, garantia a aprovação. Não é legal ter professores assim? Eram *gente boa* também porque não cobravam presença. Não se prendiam a detalhes burocráticos sem importância. Bastava uma chamada no início e outra no fim do ano e já estava tudo certo. Nem poderia ser diferente: como fazer presença se quase sempre não estavam presentes? Os alunos adoravam. Quer colégio melhor do que esse? Aprovação garantida, aulas com professores super legais que, quando em sala, conversavam sobre coisas importantes como a última viagem que fizeram, os pontos turísticos, o último capítulo da novela da Globo, além de deixarem a turma à vontade para fazer o que quiser em sala de aula, não é um paraíso?

Os pais adoravam esses professores. Sabiam que deles podiam esperar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo!, menos uma reprovação dos seus filhos. Pais que sabiam que deles jamais receberiam uma comunicação para irem ao colégio ouvir queixas sobre o comportamento dos seus filhos, uma coisa desagradável, ainda mais quando se trabalha muito, ganha-se pouco e pouco tempo se tem para ficar com os amigos, bebendo cerveja, discutindo futebol e falando da mulher dos outros, além de ainda ter que cobrar da esposa suas obrigações de dona-de-casa.

A Direção do colégio, se pudesse, faria desses professores *gente boa* funcionários vitalícios. Nunca davam trabalho. Graças a eles, os alunos gostavam do colégio, do clima de liberdade que nele imperava. O último abaixo-assinado

que o diretor recebeu do grupo dos professores *gente boa* reivindicava o fim dos atestados médicos para comprovar faltas por problemas de saúde. O texto era convincente: *“Jamais seria possível conceber a possibilidade de fraude nos atestados médicos apresentados, dada a nossa dedicação abnegada e patriótica por cada um e por todos os nossos alunos. Portanto, não faz o menor sentido sobrecarregar a nossa rede pública de saúde com a emissão de atestados que – na prática – representam apenas e tão-somente um procedimento burocrático profundamente desnecessário e contraproducente. O fim dos atestados médicos para os professores de nosso colégio será a prova mais contundente de que o nosso trabalho é reconhecido pela administração, e a nossa dignidade valorizada.”* Como o diretor também era patriótico e abnegado, e sabedor da crise na área da saúde pública, não hesitou em aceitar tal reivindicação.

Os professores *metidos à besta* protestaram, mas o movimento histórico daquela conjuntura não lhes era favorável.

O tempo passou...

Quando o tempo passa, e sempre passa!, as pessoas vão ficando mais velhas. A vida vai ensinando coisas a todos, inexoravelmente. O tempo amadurece, mas também apodrece as coisas. Amadurece o novo, que se torna plenamente maduro, e apodrece o velho, que se torna insuportável e vai para o lixo da História.

Como dizia, os professores *metidos à besta* salvaram algumas almas. Essas almas deram frutos. Poucos se salvaram, é bem verdade, mas o suficiente para produzir um contraste que só o tempo foi capaz de revelar. Os alunos que se guiaram

pelos ensinamentos dos professores *metidos à besta* acumularam mais leitura, construíram uma visão bastante crítica sobre o mundo, e graças a isso, recusaram caminhos pantanosos, disseram não! quando o esperado era dizer sim... Nem todos conseguiram concluir a faculdade, ou conseguiram um ótimo emprego, mas estão na luta. Sabem que tudo é uma questão de esforço e perseverança. A maioria – até hoje – está envolvida com movimentos populares (sindicatos, associações de moradores, etc.) e são exemplos onde quer que estejam. Alguns são professores, *metidos à besta*, com certeza.

Os alunos que admiravam os professores *gente boa* colheram os seus frutos. Os frutos da preguiça, da falsa esperteza, da falsa malandragem. A maioria está hoje desempregada. Os que conseguiram alguma coisa ganham mal, trabalham muito e nos postos mais desqualificados do mundo do trabalho. Mas estes são os destinos melhores. Alguns escolheram o caminho mais curto para o sucesso: o crime. Morreram uns, estão presos outros. Outros se viciaram... Muitas alunas tiveram gravidez prematura, e seus filhos estão por aí, ora na casa dos pais, ora por aí...

Os pais desses alunos, hoje, sentem o gosto amargo do arrependimento. Comparam o destino dos seus filhos, que no colégio fechavam com os professores *gente boa*, com o destino dos filhos dos seus vizinhos, aqueles que apoiavam a luta dos professores *metidos à besta*. Muitos deles, quando iam ao colégio, insultavam os professores do grupo *metido à besta* por serem muito exigentes, por exigirem coisas absurdas como o envolvimento dos pais na educação dos filhos, a compra de livros e etc. Alguns, hoje, visitam seus filhos na cadeia. Outros, bem..., não sabem o que fazer com o viciado que tem dentro de casa. E por aí vai...

O diretor ficou rico. Era muito patriótico, e graças aos esquemas de desvio de merenda, licitações fraudulentas, utilização da comunidade escolar como massa de manobra para eleger políticos também patrióticos, e outras coisitas mais, fez seu pé-de-meia. Ou melhor, perna-de-meia. A nossa pátria é muito generosa com esse tipo de gente. Sempre foi, desde que o Brasil é Brasil.

Os professores *gente boa* estão aposentados. Esses aí não têm com o que reclamar. Estão recebendo uma aposentadoria por um trabalho que nunca fizeram. E continuam *gente boa*, como sempre.

Como eram ingênuos os alunos que os admiravam...

A escola continua *quase* a mesma. Agora vinte por cento dos professores são *metidos à besta*. Os pais, na sua maioria, são a mesma porcaria de sempre. O novo diretor, pra variar, é um nacionalista radical. Os políticos do bairro, ... sem comentários. Mas os novos professores *gente boa*, estes sim, são os mais aguerridos: agora querem o fim da folha-de-ponto, em defesa da ecologia, pois quanto menos papel usado pela administração, menos árvores são cortadas, e precisamos deixar o egoísmo de lado e pensar no futuro do planeta para o usufruto das nossas futuras gerações.

O novo diretor? Bem, ... você sabe: aceitou a justa reivindicação. Tal como o anterior, é um patriota..., e ecologicamente correto.

*Evandro de Oliveira Machado*  
*Qualquer semelhança com a sua realidade*  
*é mera coincidência.*